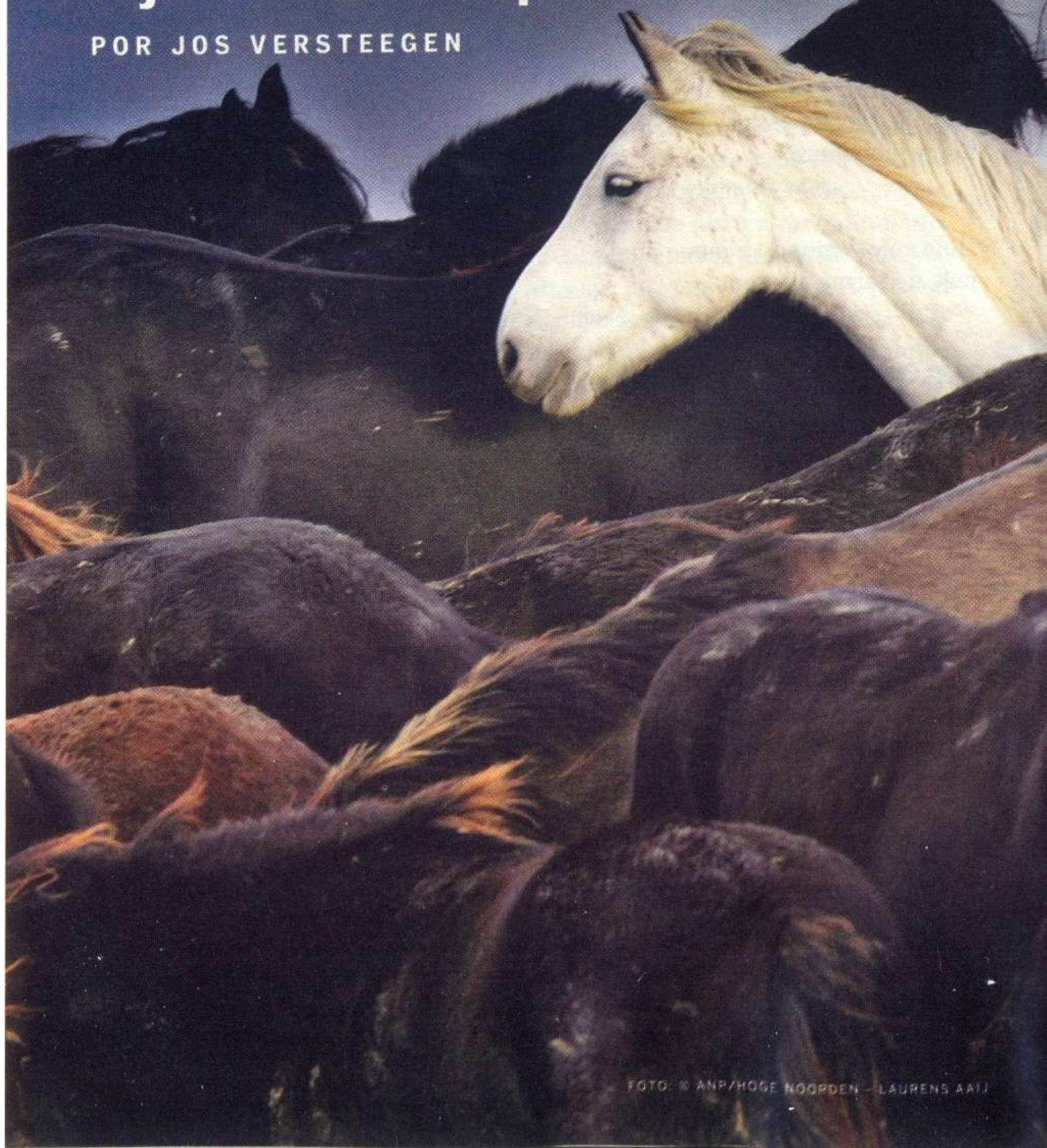


Quando, na costa da Frísia, quase 200 cavalos se viram diante de uma sepultura marítima, Micky Nijboer soube o que tinha de fazer

POR JOS VERSTEEGEN



RESGATE A GALLOPE



Na noite de 31 de outubro de 2006, uma tempestade castigou algumas províncias dos Países Baixos. O nível da água subiu quase cinco metros acima do normal, e as marismas, localizadas além dos diques ao longo da costa da Frísia, ficaram submersas. A manada de cavalos que pastava na região de repente se viu cercada pela água.

NA NOITE SEGUINTE, quarta-feira, 1º de novembro, Micky Nijboer, 32 anos, moradora do vilarejo de Oude Bildtzijs e mãe de duas crianças pequenas, ficou chocada com as imagens que viu na TV: cavalos isolados, sem ter para onde fugir. Duzentos animais assustados, alguns com água pela cabeça, estavam confinados num montículo de terra. Micky reconheceu o lugar, perto do dique de Marrum. Ficava a uns dois quilômetros de distância – ela podia vê-lo de casa. Micky sabia que não era incomum os cavalos ficarem num outeiro. Na maré alta, muitas vezes os fazendeiros deixam os animais nesses lugares. Nunca houve problema, contanto que o número de cavalos não fosse excessivo e que eles não ficassem muito próximos uns dos outros. Mas a situação agora era diferente.

Micky, apaixonada por cavalos, sentiu que precisava fazer algo. Mas o quê? Estava escuro, o dique estava interditado, e equipes de resgate do Exército, do Corpo de Bombeiros e até da Polícia já haviam concebido um plano para resgatar os cavalos. Micky foi até o quarto dos filhos. Casper, 6 anos, e Iris, 4, dormiam tranqüilamente. Ela, porém, mal conseguiu dormir aquela noite.

NA MANHÃ SEGUINTE, os cavalos encahlados foram o assunto do dia na fábrica de waffles onde Micky trabalhava. Wessel Dijkstra, colega que também era bombeiro voluntário, tinha passado grande parte da noite tentando salvar alguns potros. Doze haviam sido trazidos de volta a terra. A água, no entanto, tinha recuado um pouco, e o grupo de salvamento já não podia mais usar uma barcaça, que encalhara.

Micky terminou o turno à uma e meia da tarde e foi correndo para o dique. Estacionou o carro, pulou uma cerca e caminhou. Chovia, e o vento congelava. Quando chegou ao topo do dique, sufocou um grito de dor ao ver a cena desoladora: corpos de cavalos espalhados à beira-mar, as barrigas inchadas. Os cadáveres boiavam nas ondas. Dezoito animais haviam morrido durante a noite.

A distância, Micky podia ver um grupo de cavalos vivos. Estavam juntinhos, numa ilhota minúscula. Seu coração se encheu de esperança em poder resgatar aquelas criaturas que tiritavam de frio. A pneumonia já havia dizimado alguns. Muitos tinham os membros submersos e corriam o risco de ter uma dermatite nos cascos.

Micky encontrou outras duas amazonas da região no dique: Antje Dijkstra e Hinke Lap. Era costume treinarem juntas na praia e não tinham medo de cavalgar na água. As três decidiram tomar uma providência para ajudar os

**A CENA ERA TRISTE:
CORPOS DE CAVALOS
BOIAVAM NAS ONDAS**



Micky Nijboer,
orgulhosa de
seu cavalo,
Berber.

cavalos. Antje e Hinke sugeriram fazer um cabresto para vários deles e, depois, prendendo as cordas nos chifres das selas, guiá-los até a costa. Micky, no entanto, ficou temerosa com a idéia. “É perigoso demais”, disse. “Eles podem sair correndo em direções opostas e entrar em pânico. Talvez pudéssemos encontrar uma forma de atraí-los e fazê-los seguir nossos cavalos, sem amarrá-los a nada.”

– Vocês concordam? – perguntou Micky.

– Concordamos! – Antje e Hinke responderam, decididas.

Micky parou um policial no dique e lhe contou o plano. “A moça aqui acha que vai salvar os cavalos!”, zombou o policial, dirigindo-se a outro. Mas Micky não recuou. E sua atitude deu certo, pois logo foi avisada que Nico Minnema, chefe da It Fryske Gea, organização conservacionista da Frí-

sia que cuida da marisma próxima de Marrum, queria se reunir com ela.

– SOU SECRETÁRIA do clube de montaria Burmaniaruiters – disse Micky a Minnema –, e conheço amazonas que não têm medo de cavalgar na água. Talvez a gente consiga guiar os cavalos para a terra seca.

Minnema logo ficou entusiasmada com a idéia; era simples, mas podia ser eficaz.

– Qual é o seu telefone? Ligo assim que tiver mais detalhes – disse ele a Micky.

Enquanto aguardava ansiosamente a chamada de Minnema, Micky se deu conta de que três amazonas não seriam suficientes para a missão. Então ligou para Christina Stormer, amiga e amazona experiente que morava perto. Christina concordou de imediato. Um anúncio no fórum *on-line* sobre os ca-

valos provocou dezenas de respostas de todo o país. Micky escolheu duas mulheres que viviam na região, Fardow de Ruiters, comerciante de cavalos que tinha um negócio de criação com o marido, e Suzan Fransen, amazona amadora, porém experiente. A equipe de resgate estava completa.

Com o tempo, Micky foi ficando cada vez mais inquieta. Ainda não havia tido notícias de Minnema. Finalmente, não agüentou mais esperar e ligou para

diarréia. Exatamente às 11 da manhã, o telefone tocou. Era Minnema. "Precisa entrar em ação agora!", apressou ele. A decisão de levar a cabo o plano de Micky e das outras amazonas havia sido tomada numa discussão que incluía Wil van den Berg, prefeito de Ferwerderadiel, e Piet Lootsma, fazendeiro e proprietário daqueles cavalos. As mulheres precisavam ir imediatamente para o local e começar os preparativos da operação.



ele. Mas Minnema explicou que a maré ainda estava alta demais para resgatarem os cavalos. A água teria de recuar primeiro...

Na sexta-feira de manhã, Micky Nijboer soube que vários animais corriam risco de vida. Haviam engolido água salgada e estavam então com

À uma da tarde, uma breve reunião foi feita com as amazonas, que já estavam com seus cavalos selados e prontas para partir. Decidiu-se que quatro delas entrariam na água e duas ficariam na praia, por segurança. Além disso, teriam dois cavalos em terra, como alvo para guiar a manada durante a travessia.

Funcionários da It Fryske Gea usaram varas e fitas vermelhas e brancas para marcar o trajeto e evitar que ca-

**A EXPRESSÃO NOS
OLHOS DOS CAVALOS
FOI INESQUECÍVEL.**

valos e amazonas caíssem em valas que não se achavam mais visíveis por causa da maré alta.

Às duas da tarde, estava tudo pronto, e a operação de resgate, finalmente, podia começar. Com o grupo de cavalos encalhados em seu campo de visão, Micky, Hinke, Christina e Antje cavalgaram pela água fria sem a menor hesitação. Com todo o cuidado, as quatro tomaram o caminho do outeiro. Minutos depois, quando estavam a

Foi a conta. Uma trovoadade de cascos começou a soar, em uníssono, chapinhando na água e criando um espetáculo de arrepiar.

Micky estava completamente concentrada. Virou seu cavalo, como fizeram as outras amazonas, e estabeleceu a rota em direção à costa. Olhando por cima do ombro, observou quando a fileira de cavalos partiu, com cautela, para fazer a travessia de 600 metros. A pelagem dos animais luzia sob



cerca de 30 metros dos animais assustados, algo de impressionante aconteceu. A manada se agitou. Foi uma cena incrível.

Os cavalos exaustos, tendo passado frio e muitas privações durante três longos dias, pareceram compreender que aquelas mulheres eram sua salvação. Mas, ainda assim, não saíram do lugar. Para incitar a manada, os bombeiros cercaram a ilha e puseram-se a gritar o mais alto que puderam.

o magnífico céu nublado.

A expressão nos olhos daqueles cavalos e potros exaustos – que haviam depositado sua confiança nas mãos das quatro amazonas enquanto as seguiam até o litoral – foi inesquecível e profundamente comovente. As imagens foram vistas por milhões de telespectadores em todo o mundo.

Esses mesmos telespectadores viram quando *Berber*, o cavalo de Micky, caiu num buraco e tropeçou. Micky

tentou manter o equilíbrio, mas mergulhou na água, que tinha pelo menos um metro de profundidade. A manada estava exatamente atrás dela e não havia forma de pará-la, àquela altura.

Por uma fração de segundo, Micky achou que seria pisoteada. Mas conseguiu se recuperar rapidamente e, para sua surpresa, *Berber* havia ficado ao seu lado. Embora em águas geladas, foi capaz de montar outra vez, sem dificuldades.

depois de ter sido forçada a se esquivar do imenso fluxo de cavalos. Estava, agora, fora da rota tão cuidadosamente marcada. De repente, Micky a viu desaparecer dentro d'água, com cavalo e tudo. "Hinke! Hinke!", gritou, em pânico. Será que o resgate acabaria em tragédia? Mas, então, com a mesma rapidez com que havia sumido, Hinke reapareceu – e continuava sobre o seu cavalo!

Sob a liderança das quatro amazo-



Ela estava agora ao lado da manada e teve de controlar os animais para que não saíssem a galope. "Oooa! Muito bem!", gritava para os que estavam mais atrás. "Muito bem!" Por sorte, os cavalos não saíram em disparada. À frente da procissão, Christina e Antje também diminuíram o ritmo para ajudar a desacelerar a manada inteira.

Como Micky, Hinke também acabara tendo de ficar ao lado da manada

nas, todos os animais conseguiram chegar ao outro lado em segurança e sobreviver à terrível experiência. Todos menos um. Um dos potrinhos estava tão fraco que não conseguiu manter o ritmo dos demais. Ao se aproximar do litoral, simplesmente desmaiou. E morreu no dia seguinte.

**AS QUATRO MULHERES
RESGATARAM TODOS
OS ANIMAIS.**

Na segurança do dique, os cavalos receberam alimento e água, e um veterinário os monitorou de perto. Depois de uma hora, foram levados para um pasto dentro dos limites do dique.

Imediatamente após o espetacular resgate, o prefeito Van den Berg foi cumprimentar Micky e as outras amazonas. "Muito obrigado pelo que fizeram!" Centenas de curiosos e jornalistas haviam se amontoado no topo do dique; microfones cobriam o rosto de

seis menininhas a esperavam, e aplaudiram mais alto do que qualquer um aplaudiria. Era o aniversário de 5 anos de sua filha Iris, e as amiguinhas estavam lá para comemorar. "Nós vimos você!", gritavam. "Você estava na TV!"

Micky e sua equipe de amazonas foram manchete no mundo todo. As redes internacionais de TV BBC e CNN cobriram o resgate espetacular. Semana após semana, mais e mais flores

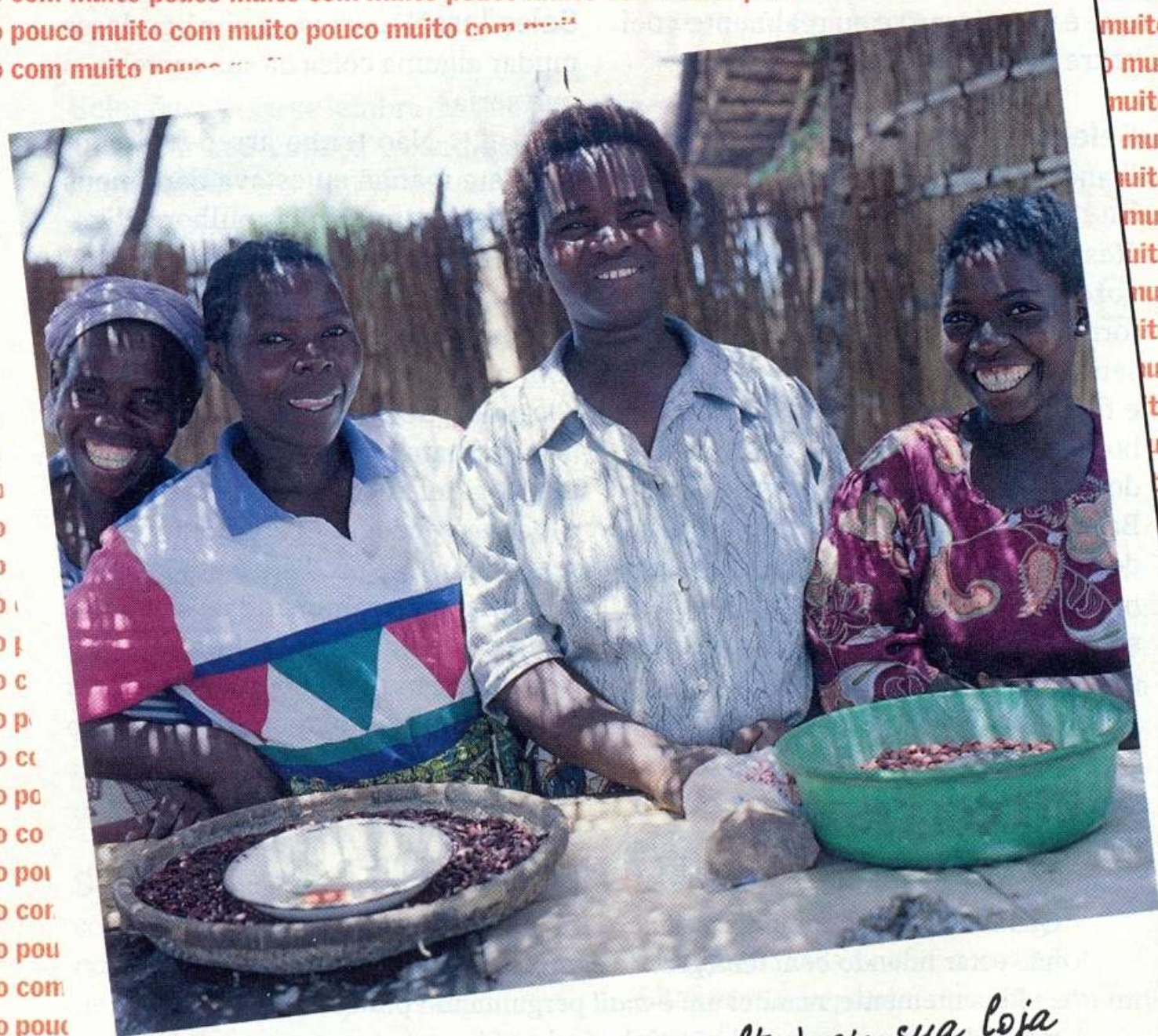


Micky, e câmeras eram apontadas em sua direção. Todos queriam falar com as heroínas.

Quando Micky por fim foi para casa, ainda vestia as roupas encharcadas. Mas mal sentia frio. Acima de tudo, estava quase explodindo de orgulho do seu cavalo. Berber tivera o desempenho de um vencedor.

Em casa, ela se atirou nos braços do marido, Gerben. "Estou muito orgulhoso de você", disse ele. Em fileira,

chegaram, e Micky recebeu centenas de cartas. Em janeiro, os cavalos foram homenageados junto de suas salvadoras, em Leeuwarden, pelo então ministro da Agricultura, Cees Veerman. Uma multidão de oito mil pessoas compareceu. Segundo Micky: "É muito difícil descrever a sensação de ver tanta gente demonstrando apoio por alguma coisa que você fez, aplaudindo, dando vivas. Nós nunca havíamos passado por nada assim." ■



Lovehess Banda (a mais alta) em sua loja de chá, com as amigas empreendedoras.

Graças à
idéia brilhante
de um homem de
de negócios, estas
mulheres estão fazendo
 muito com muito pouco

POR SARA WHEELER

NA AREIA do Lago Malavi, Catherine Mbalaka olha fixamente para o horizonte. Ela observa seus dois barcos a remo, que trazem redes lançadas no dia anterior. Magra, cabelo curto e energia contagiante, Catherine, 41 anos, sorri. Após décadas de miséria, seu pequeno negócio pesqueiro vai bem. Ela começou com um barco e duas redes. Um ano depois, conseguiu comprar outro barco. Agora pretende adquirir um a motor, para que seus empregados possam trabalhar em águas mais profundas, onde há cardumes em maior abundância.

“Minha vida se transformou”, diz Catherine enquanto os peixes do último arrasto se debatiam na areia. Ela cria os seis filhos, três órfãos soropositivos que adotou e um neto, e, como o marido não tem fonte de renda, a família tira dos barcos o seu sustento. Catherine conseguiu isso com o empréstimo de uma instituição de caridade inglesa que ajuda os pobres. A Micro-Loan Foundation (MLF) dá trabalho, não esmola.

O pequeno milagre que está acontecendo em Malavi é resultado da visão de um homem de negócios de 54 anos, nascido em Devon, na Inglaterra, chamado Peter Ryan. Esguio, cabelos negros e risada sonora, Ryan parece um típico turista inglês, de sandálias, meias e espalhafatosa camisa estampada.

“Dar dinheiro não é o ideal”, explica Ryan ao deixarmos Lilongüe, a capital, para visitar algumas cidades onde opera a MLF. “Nós emprestamos pequenas quantias – de 36 a 260 dólares – e oferecemos treinamento, plano financeiro cuidadosamente administrado e apoio contínuo. Elas abrem o negócio em ramos diversos e acabam tendo uma renda estável.”

MALAVI É UM dos países mais pobres do mundo. Segundo estatísticas do Banco Mundial, 28% dos 12 milhões de malavianos vivem com menos de um dólar por dia. Ao contrário de muitos de seus vizinhos, o país quase não possui minérios. As chuvas esporádicas, o clima instável e o desmatamento impedem o êxito das safras. Não há indústria visível, nem qualquer infra-estrutura econômica, e o turismo é fraco.

Sempre ponderado, Ryan é movido pela convicção de que é possível dar condições de independência até aos mais miseráveis. Ele começou a fundação em 1998, à moda clássica, num quarto vago de casa, inicialmente para

manter um programa de empréstimo aos pobres nas Filipinas. Buscando local para um novo projeto, foi a Malavi em 2001. “Era o lugar ideal para começar o modelo autônomo de ajuda que eu tinha em mente.”

Ele contratou um funcionário, Kenson Chipchaka, hoje diretor da fundação no país e que, na época, era um professor de 37 anos. A MLF concedeu seu primeiro empréstimo, de 30 dólares, a uma associação de mulheres que vendia açúcar e tomates. O dinheiro foi todo devolvido.

Ryan faz parte do grupo, cada vez mais numeroso, de pessoas que acreditam no microcrédito, hoje talvez a tendência mais significativa no setor. O microcrédito foi criado por Muhammad Yunus, carismático bengalês fundador do Banco Grameen, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2006.

Para desenvolver a responsabilidade coletiva, a MLF empresta a pequenos grupos, não a indivíduos. O empréstimo é dividido igualmente, e cada integrante é responsável pela restituição da sua parte. “É como uma solidariedade jurídica”, explica Martha Nkhoma, que lida com as operações de crédito.

Pergunto a Ryan por que ele concede empréstimos apenas a mulheres. “Consultei os diretores de crédito para saber se deveríamos começar a incluir homens”, responde ele. “Mas o consenso é que não devemos, porque as famílias são muito mais beneficiadas quando é a mulher quem recebe o empréstimo. O homem é mais propenso a gastar o dinheiro ou usá-lo para ir à África do Sul, em busca de trabalho.”



Catherine Mbalaka e sua família. Seu negócio de pesca transformou a vida de todos. Peter Ryan (no detalhe), a inspiração por trás da fundação.

A instituição hoje emprega 35 pessoas do país em seis escritórios regionais. Embora a MLF dependa de doadores do Reino Unido para se expandir, o sistema de empréstimos gera renda e portanto é capaz de se manter. Ryan pretende criar mais quatro escritórios no ano que vem. Os patrocinadores incluem Sir Bob Geldof, e as operações no Reino Unido são geridas apenas por um presidente há pouco tempo recrutado, um funcionário encarregado de arrecadar recursos e um grupo de voluntários. O próprio Ryan não recebe salário.

Vou a uma reunião da MicroLoan na cidade de Sasani e vejo o funcionário instruindo 12 mulheres do grupo Sitigonja (que significa “não vamos desistir” em *chichewa*, língua local). Sentamo-nos em esteiras de palha à sombra de uma árvore, a conversa pontuada

pelo barulho permanente dos grãos de milho sendo socados no pilão. Como todas as cidades que visitei, Sasani não dispõe de saneamento básico nem de água corrente. O hospital mais próximo fica a quatro horas de distância, a pé. Todos têm malária pelo menos uma vez por ano. Quando pergunto às mulheres quantas ali cuidam de órfãos soropositivos, além dos próprios filhos, oito delas levantam a mão.

Converso com a líder do grupo, Loveness Banda, 24 anos, que é casada e tem três filhos. Vou à sua casa de chá, financiada pela MLF, uma sala de tijolos onde Loveness serve chá, arroz e pãezinhos. “Um dia da semana é destinado às compras”, explica ela quando lhe pergunto sobre a rotina do negócio. “É uma caminhada de quatro horas

para pegar o microônibus até o mercado, onde compro o material.”

Depois de apenas quatro meses no negócio, ela já tem uma barraca que vende quiabo e feijão, além da casa de chá, e pretende fazer futuros empréstimos. Loveness exala espírito empreendedor. “Tudo o que eu tinha antes de descobrir a MLF por intermédio de uma amiga”, diz, ao nos despedirmos, “era uma plantaçãozinha de mandioca.”

OS EMPRÉSTIMOS são feitos em ciclos de quatro meses. Quando um ciclo termina, o dinheiro é reencaminhado para novos empréstimos, e o grupo recebe uma quantia maior, permitindo assim que o negócio cresça. A taxa de juros é de 24% no primeiro ciclo e 20% daí em diante (o custo para oferecer pequenos empréstimos é alto). E funciona: a MLF tem índice de reembolsos de mais de 95%, estatística que deixaria bastante animados os próprios bancos britânicos. Loveness está terminando seu primeiro ciclo.

Os críticos do microcrédito alegam que ele continua sendo uma medida paliativa que não traz as reformas sistêmicas essenciais à diminuição da pobreza. Mas quantos milhões de dólares já foram jogados em vão no buraco negro da assistência humanitária?

No norte de Malavi, viajo por uma “estrada” criada a um custo enorme, com dinheiro doado. Ela foi tão mal construída que as primeiras chuvas a destruíram. A África subsaariana é um cemitério de projetos fracassados, a paisagem está repleta de esqueletos de fábricas, escolas e hospitais financiados com as boas intenções de agências humanitárias, e, por uma série de motivos – entre eles, a corrupção –, jamais terminados. As operações da MLF, por sua vez, são transparentes e administradas com rigor.

Quando as mulheres completam o ciclo de empréstimo, a fundação as incentiva à fase seguinte: pegar um empréstimo no banco. No meu último dia, conheço Thandiwe Gama, 37 anos, que pagou o empréstimo de 370 dólares e está aprendendo sobre o que a espera no ambiente intimidante de um banco. Ela e o marido têm seis filhos e cuidam de três órfãos. “Durante muitos anos, foi difícil”, diz. “Mas agora acho que posso crescer aos poucos.”

No fim de 2006, a fundação já havia oferecido 10 mil empréstimos. A longo prazo, sua idéia é abrir filiais da Micro-Loan em outros países subsaarianos e expandir um negócio de exportação de produtos de Malavi para o Reino Unido. “Já somos quase autônomos”, diz ele, ao entrarmos no avião que nos levará para a Inglaterra. “É uma longa jornada.” Boa viagem!

CLIQUE DUAS VEZES

Você está viciado em computador quando uma mosca pousa na tela e você tenta matá-la com a seta do *mouse*.

DANIELA JOÃO, São Paulo (SP)